

Fonologia da língua paresi-haliti: descrição e análise

Glauber Romling da SILVA - Mestrando em Linguística (UFRJ - CNPq)

glauberomling@yahoo.com.br Telefones: 2573-1899, 8841-0161

Bruna FRANCHETTO –Professor Associado (UFRJ-CNPq)

bfranchetto@yahoo.com.br Telefones: 2557-1477

RESUMO

Este artigo apresenta¹ (i) uma descrição fonético-fonológica do Paresi-Haliti (família arawak) distribucional em item e arranjo, baseada no modelo de K. Pike (1947) e (ii) uma análise processual da palatalização e coronalização consonantais, segundo o modelo autosegmental de Clements e Hume (1995).

Palavras-chave: Línguas Indígenas, Línguas Arawak do Sul, Fonologia, Geometria de Traços.

ABSTRACT

This paper presents (i) a distributional phonetic-phonological description of the Paresi-Haliti (Arawak family) item and arrangement, based on K.Pike (1947); and (ii) a processual analysis of the consonantal palatalization and coronalization, in accord to Clements & Hume autosegmental model.

Key words :Indigenous Languages, Southern Arawak Languages, Phonology, Features Geometry.

1.Introdução: informações sociolingüísticas e etnográficas sobre a língua paresi

A língua paresi é falada em cerca de quarenta aldeias, no Estado de Mato Grosso, somando 1649 pessoas (ISA, 2007). Os Paresi, que se auto-denominam *Haliti* (gente, povo), estão divididos em cinco subgrupos étnicos: *Kozarene*, *Waimare*, *Kaziniti*, *Warare* e *Kawali*. Esta divisão tem como base distintos territórios originários (CANOVA, 2003). A primeira incursão de bandeirantes nas terras paresi foi liderada por Antônio Pires de Campos no último

quartel do século XVII (COSTA, 1985).

A dispersão do povo paresi em pequenas aldeias e em um território relativamente extenso e descontínuo teve um impacto sociolingüístico até hoje não estudado. Há variantes diatópicas, uma minoritária (em áreas próximas à fronteira com a Bolívia) e outra majoritária, no restante da região, além de variantes geracionais (SILVA, 2006). Boa parte da população é, hoje, bilíngüe, aprendendo a língua materna antes do contato com a língua portuguesa, que se dá geralmente entre os 10 e os 13 anos de idade. As mulheres mais velhas não têm um domínio incipiente do Português.

1.2. Trabalhos anteriores sobre o Paresi-Haliti

Drude (1995) em *Observações para Servir para uma Ortografia do Wajmare*, variante minoritária, chama a atenção para problemas fonológicos subjacentes às propostas ortográficas existentes para fins de produção de cartilhas para a alfabetização na língua materna. Rowan & Burgess,, em 1979 apresentam, sem levar em conta o condicionamento variacional diatópico, um primeiro estudo sistemático do Paresi, abrangendo as unidades do discurso, construções sintáticas, morfologia e fonologia, anexando duas narrativas transcritas no alfabeto por eles proposto para o processo de alfabetização. Rowan (1961) apresenta uma representação fonêmica, sem distinção entre variantes, o que resulta em sérios problemas descritivos. Há trabalhos esparsos sobre línguas da família arawak, tais como, *Apurinã* (FACUNDES, 2000), *Baré* (OLIVEIRA, 1993), *Enawenê-nawê* (REZENDE, 2003), *Tariana* (AIKHENVALD, 1999 e 2003), *Wapixana* (SANTOS, 2006) e *Kinikinau* (SOUZA, 2008). Em etnologia, há um número bem menor de trabalhos (COSTA, 1985; HILL & SANTOS-GRANERO, 2002).

O autor deste artigo apresentou, em 2005, uma descrição preliminar da fonética e da fonologia do Paresi-Haliti, levando em conta as variações diatópicas (SILVA, 2005); em 2006,

tratou de uma proposta para a representação fonológica das líquidas (SILVA, 2006); e, em 2007, ofereceu uma primeira proposta para o processo de palatalização e coronalização (SILVA, 2007), segundo o modelo da fonologia autossegmental (CLEMENTS & HUME, 1995).

1.3. Trabalho de campo e *corpus*.

De 2004 a 2006, foram realizadas quatro viagens para a cidade de Barra do Bugres, Mato Grosso, de uma semana cada uma, em que trabalhamos com dois consultores do sexo masculino. Em 2007-2008, passamos dois meses na aldeia Formoso (*Hohako*)ⁱⁱ. O material coletado e gravado contém 8 horas de listas vocabulares, entra as quais se inclui o *Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras* (Museu Nacional, Divisão de Antropologia, Setor Lingüístico, 1960, com 341 itens) e 12 horas de narrativas míticas de um velho xamã paresi. Para a base de dados foram utilizados os *softwares* *ToolBox*, *Econv*, *Elan*, *Transcriber*, *Lexique Pro* e *Phonology Assistant*. Os dados foram gravados em MD e digitalizados em WAV para uma análise acústica por meio de programas como o PRAAT.

2. A descrição fonêmica

Os procedimentos aqui adotados foram propostos por Pike (1947) que considera o fonema como a menor unidade do sistema fonológico, sendo que a troca de um pelo outro elemento (fonema) acarreta mudança de significado. Os alofones estão em distribuição complementar.

2.1. As consoantes

	Bilabial	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Plosiva	b b ^j		t t ^j d d ^j			k k ^j k ^w	
Nasal	m m ^j		n		ɲ		
Tepe			ɾ				
Fricativa	ɸ ɸ ^j	θ		ʃ			h h ^j
Aproximante	w w ^j				j		
Lat. Aprox.			l l ^j				
Africada			ts	tʃ			

Tabela 1: fones consonantais em Paresi-Haliti

O quadro de fones consonantais em Paresi tem 26 segmentos. Não há [p] em seu inventário e sua contraparte vozeada é restrita a poucos exemplos. Observa-se um vasto quadro de fones palatalizados. [b^j], [t^j], [d^j], [k^j], [m^j], [ɲ] [ɸ^j], [h^j], [w^j] e [l^j], que ocorrem após [i] ou [j]; já [ʃ] e [tʃ] ocorrem antes de [i]. Com exceção dos fones [b, d, d^j], não há contrapartes vozeadas, o que é bastante recorrente nas línguas da família arawak (AIKHENVALD, 1998: 76). Segundo Aikhenvald, a fricativa bilabial [ɸ] é encontrada somente em Chiriana, mas como podemos constatar, ainda que com poucos exemplos, o fone é encontrado em Paresi. [h] é bastante presente, apesar de não figurar nos comentários de Aikhenvald, que registra a sua ocorrência apenas em Apurinã, Wapixana, Añun, Baniwa do Içana, Tariana e Baniwa. Souza (2008) inclui este fone no inventário da língua Kinikinau, outra língua arawak meridional. O Paresi conta com duas africadas, assim como na maioria das línguas arawak do sul.

2.1.1 Pares mínimos e análogos para as consoantes

Abaixo mostramos o contraste dos segmentos foneticamente similares em Paresi:

/t/ /t ^j /		/t/ /θ/	
[ko.'la.tɐ]	'seriema'	[we:.'ta]	'seco'
[ku.'la.'t ^j a]	'ele leva'	[we:.'θa]	'ele coça'
/t/ /ts/		/t/ /k/	
[ke.'te]	'mandioca'	[ha.'ki]	'um dia'

[ke.'tse]	'faca'	[ha.'ti]	'casa'
/m/ /n/		/θ/ /h/	
[a.'ma]	'mãe'	[ha.'hĩ]	'algo comprido'
[a.'na]	'beneficiário'	[ha.'θe]	'algo líquido'
/l/ /r/		/r/ /n/	
[wa.'ra.'ta]	'maritaca branca'	[haj.'tsa:.'re]	'matador'
[wa.'la.'ta.tə]	'centopéia'	[haj.'tse.'ne]	'ele mata isto'
/n/ /l/		/w/ /m/	
[ka:.'li]	'sapo'	[wa:.'hã]	'instante'
[ka:.'ni]	'pequi'	[ma:.'hã]	'mel'
/n/ /ts/		/b/ /m/	
[i.'ni.ja.'ne]	'aquisição'	[a.'ba]	'pai'
[i.'ni.a.'tse]	'comprador'	[a.'ma]	'mãe'
/φ/ /m/			
[ka.'φa.kə]	'ontem'		
[ka.'ma.kə]	'tem rede'		

2.1.2 Fonemas consonantais

	Bilabial	Dental	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Plosiva	b		t tʲ		k (kʷ)	
Nasal	m		n			
Tepe			r			
Fricativa	φ	θ				h
Aproximante	w			j		
Lat. Aprox.			l			
Africada			ts			

Tabela 2: fonemas consonantais em Paresi-Haliti

Como já apresentado na Tabela 1, [p] não consta na série das oclusivas em Paresi, pois o processo de debucalização $p > f > h$, amplamente atestado nas línguas arawak, tanto sincronicamente quanto diacronicamente, tem no Paresi seu estágio final. Isso se confirma dada a grande incidência da glotal fricativa em formas que no Proto-Arawak correspondem à oclusiva bilabial surda, como por exemplo */pi-/ “segunda pessoa do singular” e */kopa/ ‘peixe’ (RAMIREZ, 2001), que em Paresi são, respectivamente, /hi-/ e /ko.ha.tse/.

Diacronicamente, as oclusivas são instáveis, como atesta Aikhenvald (1999: 76) para o Yawalapiti. A oclusiva bilabial vozeada ocorre em poucos casos, em empréstimos ([ʃa.'bɛ.wɐ], 'chapéu' e [bi.'jɛ.tɐ], 'pimenta') e em termos de parentesco ([a.'ba], pai). A bilabial fricativa desvozeada também ocorre em pouquíssimos casos: [ɸi.hi.ma.ni.'ja] 'mão direita', [ɸe.ra.'kʷa][ɸe.ra.'kʷɔ] 'dia', [ka.'ɸa.kɐ] 'ontem'. Como a maioria das línguas arawak, o Paresi apresenta uma consoante palatalizada fonêmica, o /tʃ/.

A plosiva velar [kʷ] ocorre apenas em um classificador que denota 'superfície'. O mesmo classificador encontra respaldo no Proto-Arawak *koa. (RAMIREZ, 2001) Por ora, a inserimos no sistema, mas com essa ressalva.

[o:.'ne]	'água'	[o:.'ne.-'kʷa]	'lagoa'
		água - CL:superfície ⁱⁱⁱ	

2.1.3 Padrões silábicos e a interpretação de *j* e *w*

O Paresi é uma língua de padrão (C)V. As seqüências vocálicas vogal-*glide* [aj], [ej], [oj], [uj], [aw] e [ow] são interpretadas como núcleos complexos, ocupando uma posição V. Não há consoantes em coda silábica nem em ataque complexo. As vogais longas, que ocorrem em poucas palavras, ainda representam um problema de análise não resolvido. Abaixo seguem alguns exemplos para cada padrão:

CV	[ka.'ɸa.kɐ]	'ontem'
	[haj.tse.'ne]	'você mata isto'
	['kaw.kɐ]	'ele chega'
V	[a.'ba]	'pai'

Os falantes aceitam os grafemas *y* e *w* em posição de ataque silábico na ortografia, em uma sílaba CV, como em *yane* 'ele vai' e *awa* 'espera!', mas não os aceitam em borda de sílaba, como em **haytsene* 'você mata isto', **kawka* 'ele chega', **aykoliti* 'dente' e **awlo* 'papagaio', preferindo grafias como *haysene*, *kaoka*, *aikoliti* e *aolo*, o que capta a intuição

sobre natureza sumamente vocálica dessas seqüências.

As seqüências [ja], [je], [ji], [jo], [wa], [we], [wi] e [wo] são interpretadas como constituindo sílabas CV. Uma boa evidência para essa interpretação é a alternância entre o *glide* palatal e a fricativa dental, que só ocorre em posição intervocálica como ataque de uma sílaba CV:

[^he.θe] ~ [^he.je] 'este'
 [^hne.θɐ] ~ [^hne.jɐ] 'ele disse'

Outro argumento é o fato de o *glide* palatal ser alofone da fricativa dental no processo morfofonológico em que /θ/ realiza-se [j] após [i, j] em fronteira de morfema. Processos morfofonológicos têm como *output* somente elementos do sistema, ou seja, /j/ é uma consoante do Paresi. Além disso, as seqüências jV e wV mostram poucas restrições quanto à vogal que as constitui. Nas línguas naturais, em uma sílaba CV, *a priori*, quaisquer C podem ocorrer com quaisquer V de uma língua. A tabela abaixo mostra as ocorrências em Paresi:

Seqüências							
	a	e	i	o	u	ɛ	ɔ
j	ja	je	ji	jo	*ju	*jɛ	*jɔ
w	wa	we	wi	wo	*wu	*wɛ	*wɔ

Tabela 3: seqüências glide-vogal em Paresi-Haliti

As únicas restrições são para a vogal [u] e as meio-abertas, que já são raras com quaisquer outras consoantes. Isso fala a favor da interpretação dos *glides* como consoantes. Segundo Kenstowicz (1997), tais seqüências, quando produtivas em certas línguas, como no caso do inglês, tendem a conter as aproximantes no quadro consonantal. Em Kinikinau (SOUZA, 2008), uma língua arawak meridional, essas seqüências são muito recorrentes, levando a autora a considerá-las também como consoantes.

Em Paresi, raízes que se iniciam por vogais prefixam apenas uma consoante como pronome pessoal:

[aj.k ^j u.li.-ti]	'dente'
dente -N.POSS	
[n-aj.k ^j u.-li]	'meu dente'
1- dente -CL:ARRED	

Já em raízes que se iniciam por consoante, uma sílaba CV é concatenada como prefixo de pessoa:

[hĩ.nu. - ti]	'dente'
pescoço - N.POSS	
[nu - hĩ.no]	'meu dente'
1 - pescoço	

O mesmo ocorre com raízes iniciadas pelas aproximantes [j] e [w], o que as caracteriza como consoantes em posição de ataque de sílaba:

[wa.ha.ka.no.re]	'macaco'
macaco	
[no - wahanuri-ʃi]	'meu macaco'
1 - macaco - POSS.	

Por fim, as seqüências, como as em negrito [maj.**h^jã**] e [θo.i.**m^ja**], 'não' e 'criança', respectivamente, foram interpretados como sílabas do tipo CV em que as consoantes têm o nódulo vocálico preenchido devido ao espriamento progressivo dos traços da vogal antecedente.

2.2 As vogais

O quadro de fones vocálicos em Paresi está apresentado na Tabela abaixo:

	Vogais breves			Vogais longas		
	anterior	central	posterior	anterior	central	posterior
Alta	i / ĩ		u / ũ	i:		u:
Não-tensa	ɪ		ʊ			
Média-alta	e / ě		o / õ	e:		o:
Média-baixa	ɛ		ɔ / õ	ɛ:		
Não-tensa		ɐ				
Baixa	a / ã			a:		

Tabela 4: fones vocálicos em Paresi-Haliti

O quadro de fones vocálicos em Paresi conta com vogais breves e longas, assim como na maioria das línguas arawak. Nas breves, as posições não-tensas, para as vogais altas e a baixa, são preenchidas. Apenas as vogais breves não-tensas têm contraparte nasal, com exceção de [ɛ]. Vogais não-tensas e a média-baixa posterior não ocorrem alongadas. Para a média-baixa anterior há apenas um caso atestado no nosso *corpus*. Alocamos a vogal baixa no campo das anteriores com respaldo em medições acústicas. Não fizemos medições acústicas de longas ou nasais, mas mesmo assim estendemos a classificação de anterior para a vogal baixa nessas contrapartes.

2.2.1 Pares mínimos e análogos das vogais

Observe-se os contrastes, aqui exemplificados, para as vogais do Paresi:

/i/ /a/		/i/ /o/	
[¹ o:.wɪ][¹ u:.wɪ]	'cobra'	[ha.'li.ti]	'homem paresi'
[¹ o:.wɐ]	'instante breve'	[ha.lo.'ti]	'mulher paresi'
/o/ /a/		/i/ /e/	
[θa.ta.wi.'ti]	'saliva'	[a.hi.'ti]	'osso'
[θo.ta.wa.'ti]	'chifre'	[a.hi.'te]	'urucum'
/a/ /e/		/e/ /o/	
[¹ t ^j a.mɐ]	'casca para jacá'	[ka.'te]	'árvore'
[¹ t ^j a.me]	'sarar'	[ka.'to]	'saudação'

2.2.2 Fonemas vocálicos

Concluindo a descrição das vogais do Pareci, apresentamos abaixo o seu sistema fonológico:

	anterior	posterior
alta	i	
média-alta	e	o
baixa	a	

Tabela 5: fonemas vocálicos em Paresi-Haliti

O Paresi tem quatro vogais fonêmicas, acrescentado uma vogal ao típico padrão trivocálico arawak. As coronais /i, e/ contrastam em altura; /o/ contrasta com as demais em labialidade. Uma questão que se interpõe é a escolha de /o/ em lugar de /u/ para a representação fonológica. É certo que uma escolha triangular /a, i, u/ seria mais simétrica, mas iria de encontro aos fatos verificados pelas medições acústicas, em que as vogais arredondadas do sistema mostram-se mais baixas que suas correspondentes em altura anteriores. Além disso, como veremos em 2.2.4, [u] ocorre somente antes de /i/ ou [u], enquanto [o] ocorre nos demais contextos.

2.2.3 A interpretação das vogais nasais, das vogais longas e das vogais não-tensas

O Paresi não têm vogais nasais nem longas fonêmicas, o que vai de encontro ao que ocorre em outras línguas arawak.

As vogais nasalizam-se somente em dois ambientes: (i) antes de consoantes nasais ou (ii) quando vizinhas à consoante glotal /h/:

[ɸĩ.hĩ.ma.ni.'ja]
['θã.nɛ]

'mão direita'
'jenipapo'

A nasalização, no entanto, é bastante variável, havendo muitas palavras, mesmo nos dois contextos supracitados, em que não ocorre:

[a.hi.'ti]

'osso'

[e.no.ma.ni.je.'re]

'(nome de um dos sub-grupos paresi)'

As vogais longas são restritas a poucas palavras. Ocorrem, geralmente, em posição pré-tônica na penúltima sílaba de palavras com duas sílabas. Não há pares mínimos que as atestem como fonológicas:

[to:'re]

'tucano'

[o:.'ne]

'água'

Por fim, as vogais não-tensas [ɐ], [ɪ], [ʊ] são alofones, respectivamente de /a/, /i/, /o/ em posição átona final.

2.2.4 Assimilação total e harmonia vocálica

Dois processos ocorrem nas vogais em Paresi: assimilação total e harmonia vocálica. No primeiro processo, /a/ realiza-se como [e] antes de sílaba com a vogal /e/. cremos que este seja um processo morfofonológico restrito à fronteira de morfemas:

['te.mɐ]

'ele corre'

[te.me + he.'na]

'ele está correndo'

O segundo processo, a harmonia vocálica, aplica-se a /e/ e /o/. /e/ realiza-se como [i] quando antes de sílaba com vogal /i/, e /o/ realiza-se como [u] quando antes de sílaba com /i/ ou [u]. Nos dois casos, há o alteamento das vogais:

/e/ realiza-se como [i] antes de sílaba com vogal [i]

/n - ime - θi/

[n - imi - ʃi]

'meu capim'

1 - capim - POSS

/o/ realiza-se como [u] antes de sílaba com vogal [i, u]

/no - tsimare - ni/

[nu - tʃimeri - ni]

'minha poeira'

1 - poeira - POSS

/no - kohatse - ri/

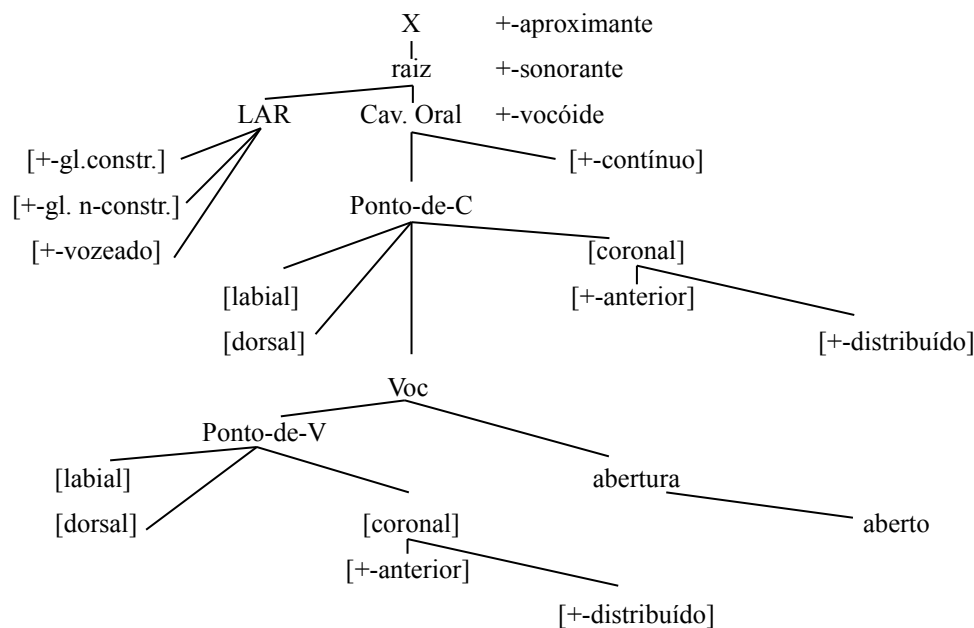
[nu - kuhatsi - di]

'meu peixe'

1 - peixe - POSS

3 A fonologia autosegmental: palatalização e coronalização

A escolha da Geometria de Traços nos permite expressar generalizações em termos processuais que são de difícil formulação em um modelo taxonômico do tipo item-e-arranjo. Os modelos teóricos podem diferir, dentre outras coisas, quanto aos traços que assumem e quanto ao que se propõem representar. Quanto aos traços, o modelo de Chomsky & Halle (1968), por exemplo, assim como alguns modelos não-lineares, adotam em seu inventário o traço [lateral], que é necessário para distinguir os segmentos /r, l/ (HALL, 2007: 320), embora esses dois segmentos possam diferir em termos do traço [contínuo], como é o caso em Paresi. Isso dispensa o traço [lateral] e fala a favor de um modelo que não o tenha. Na figura abaixo temos a proposta de Clements & Hume (1995), que representa consoantes e vogais por um mesmo conjunto de traços:



Modelo de Geometria de Traços de Clements & Hume (1995)

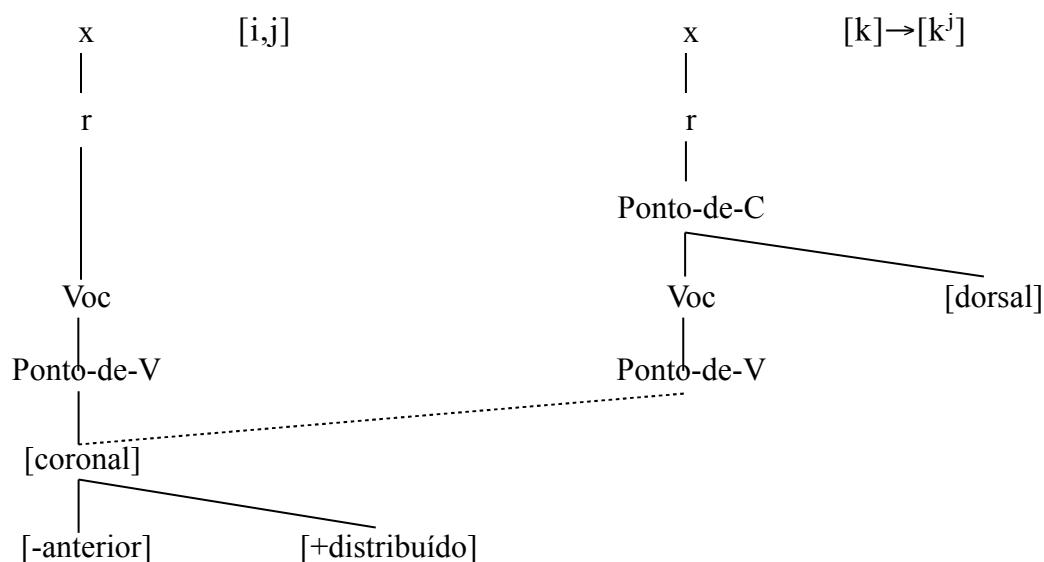
Os princípios que norteiam o modelo são os seguintes: (i) regras fonológicas agem como uma única operação; (ii) a organização em traços é universalmente determinada; (iii) elementos idênticos adjacentes são proibidos (*Obligatory Contour Principle* – OCP); (iv) linhas de associação ligando dois elementos em uma camada *j* a dois elementos em uma

camada *k* não podem se cruzar (*No-Crossing Constraint* – NCC). Os processos fonológicos são representados em termos de associação e desligamento de traços ou nós-de-classe.

A Geometria de Traços representa palatalização e coronalização de maneiras distintas. A palatalização configura-se como o espraio de traços de um Ponto-de-V para o Ponto-de-V de outro segmento; a coronalização, também chamada de promoção, é a cópia ou desligamento do Ponto-de-V de um segmento e seu posterior espraio para o Ponto-de-C de outro ou do mesmo segmento.

3.1 Palatalização e coronalização

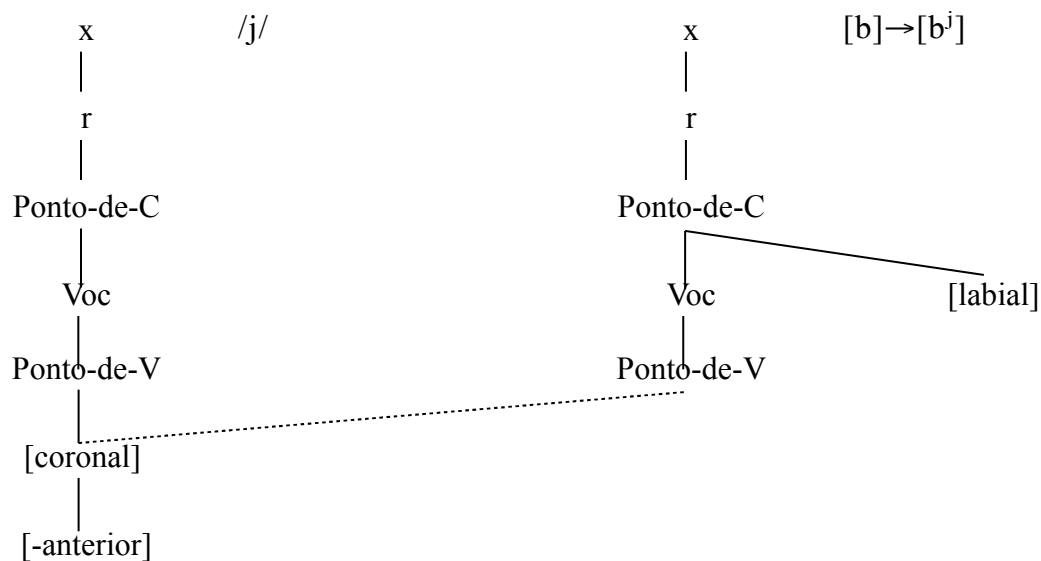
Os processos fonológicos e morfofonológicos de palatalização e de coronalização de consoantes são bastante produtivos na língua paresi, como em Enawenê-nawê (EN), uma língua arawak meridional muito próxima do Paresi (Rezende, 2003). Em EN, /k/ se realiza como [kʲ] após /i/. A palatalização é tomada como um processo intermediário à coronalização, em que o nódulo [coronal] se espraia para o Ponto-de-V da consoante, tendo a seguinte representação:



Palatalização em Enawenê-Nawê (Rezende, 2003: 105)

Em um segundo passo, ocorre a coronalização. Segundo Rezende (2003: 107), "...a articulação menor da consoante foi (ê) desligada e copiada sob o seu Ponto-de-C, substituindo sua articulação principal".

O Wapixana, uma língua arawak setentrional, também apresenta um processo de palatalização. Santos (2006: 47) utiliza-se da Geometria de Traços para a formalização do processo em que /b/ realiza-se como [b^j] após /j/:



Palatalização em Wapixana (Santos, 2006: 47)

No Paresi, palatalização e coronalização ocorrem em processos fonológicos e morfofonológicos, mas não necessariamente como processos intermediários. O ambiente que engatilha os processos tem de ser composto pelos traços [coronal, -anterior], ou seja, [i] ou núcleos complexos com [j]. Os segmentos-alvo são: em processos fonológicos, /b/, / ϕ /, /m/, /k/, /h/, /n/, / θ /, /r, d^{iv}/, /ts/, /w/ e /l/ e, em processos morfofonológicos, /t^j/ e / θ /. Veremos que a direção dos processos não é um divisor de águas. O que importa é a natureza do processo, se palatalização ou coronalização, ligada ao domínio da sílaba, se inter-silábico ou intra-silábico^v.

O primeiro deles, palatalização, ocorre somente de uma sílaba para a outra, espreado

[coronal, -anterior] para um Ponto-de-V vazio; o segundo, coronalização, por sua vez, ocorre somente dentro da mesma sílaba, ou seja, Ponto-de-V [coronal, -anterior] se espraia diretamente para Ponto-de-C [coronal] não especificado para [anterior].

Começamos com os processos fonológicos que afetam as consoantes não-coronais: /b/, / Φ /, /m/, /k/ /w/ e /h/. O último dado de cada conjunto exemplifica o contexto que não engatilha o processo em exame:

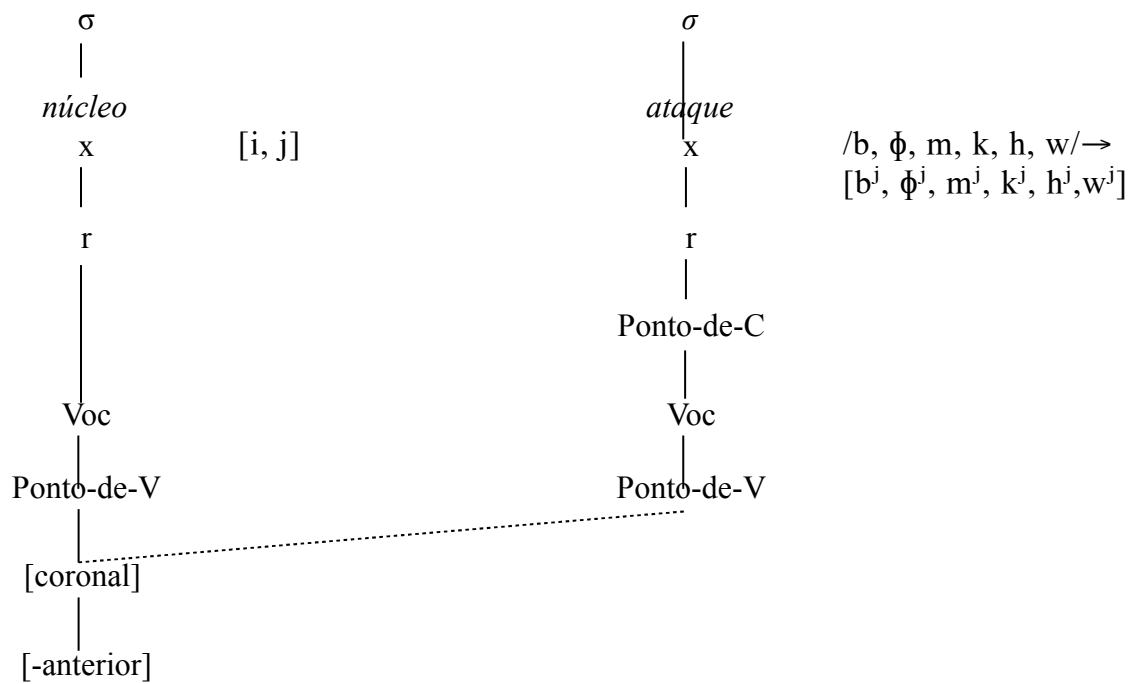
/b/ → [b ^j] / [i,j]_____	/k/ → [k ^j] / [i,j]_____
[hi.'b ^j a.be.rɐ] 'teu papel'	[aj.k ^j ú.li.'ti] 'dente'
[a.'ba] 'pai'	[ti.k ^j ó.la.li.'ti] 'peito'
	[ka.'ha.re] 'muito'

/ Φ / → [Φ ^j] / [i,j]_____	/h/ → [h ^j] / [i,j]_____
[ti. Φ ^j a.'lo] 'grávida'	[maj.'h ^j ã] 'não'
[ʃi. Φ ^j a.'ʃi] 'jabuticaba'	[i.h ^j u.la.ka.kuj.'ta] 'curto'
[ka.' Φ a.kɐ] 'ontem'	[ma.wa.ha.'ha.re]

/m/ → [m ^j] / [i,j]_____	[w] → [w ^j] / [i,j]_____
[ti.m ^j a.'la.ti] 'sangue'	[wi.w ^j a.ha.ka.no.re.'θa] 'nosso macaco'
[kaj.'m ^j a.re] 'lua'	[wa.ha.ka.no.'re] 'macaco'
[hi.na.mɐ] 'dois'	

As consoantes não-coronais passam a palatalizadas após segmento [coronal, -anterior].

Não são coronalizadas, pois possuem Ponto-de-C especificado: /b, Φ , m, w/ para [labial] e /k/, /h/ para [dorsal]. Há espraio dos traços de Ponto-de-V da vogal para Ponto-de-V da consoante:



Patalização de não-coronais em Paresi ocorre somente inter-silabicamente

Nas coronais, ainda em processos fonológicos, os segmentos-alvo são: /n/, /r, d/, /θ/, /ts/ e /l/:

/n/ → *n^j → [ɲ]

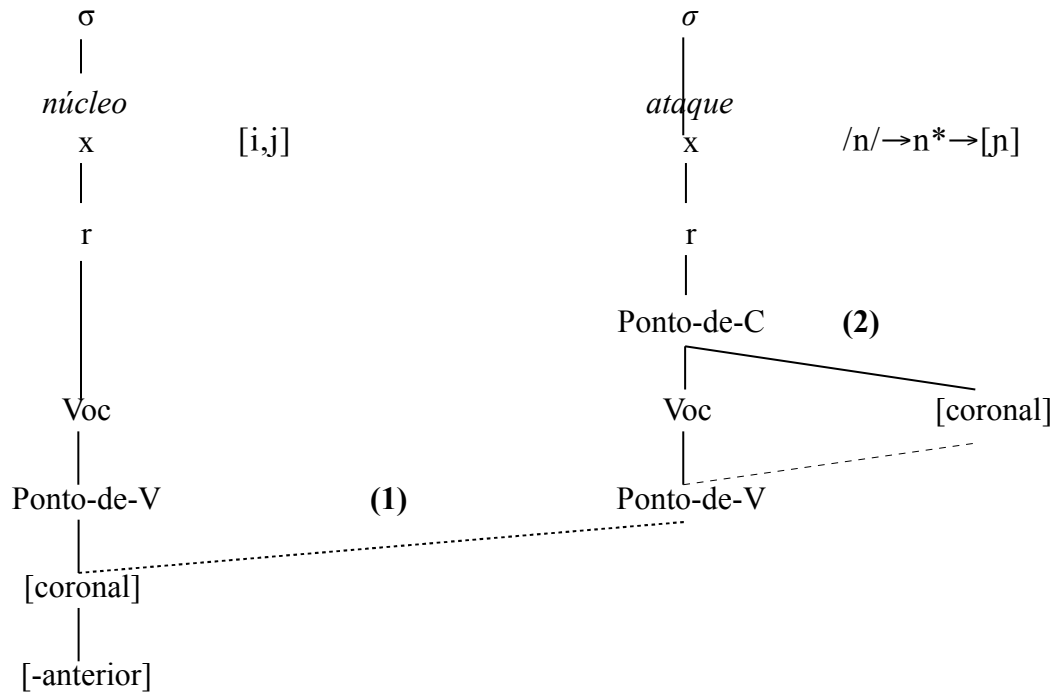
[aj.ɲa.kuj.ʰta]
[o:.'ne]

‘ele está voando’
‘água’

/n/ realiza-se como [ɲ] após segmento [coronal, -anterior] via espraçamento de Ponto-de-V da vogal para Ponto-de-V da consoante. A palatalizada *n^j seria uma forma intermediária. Franchetto (1995: 75), ao falar da palatalização em Kuikuro (Karib), faz uso de formas abstratas palatalizadas. A autora assim explica os processos t→t^j, k→k^j, γ→γ^j, s→s^j, l→l^j e n,η→n^j, η^j: "Temos como primeiro passo comum a todos os segmentos, a palatalização da consoante, ou seja, a criação de uma consoante com articulação coronal secundária (C^j), via espraçamento do nó coronal da vogal antecedente...".

Segue-se o espraçamento dos traços de Ponto-de-V da consoante para Ponto-de-C da mesma,

ou seja, uma coronalização ou promoção. Em Paresi, a coronalização tem sempre como alvo um Ponto-de-C [coronal] não especificado para [anterior] e sempre ocorre intra-silabicamente, ao contrário da palatalização. Essa segunda etapa dá origem à nasal palatal.

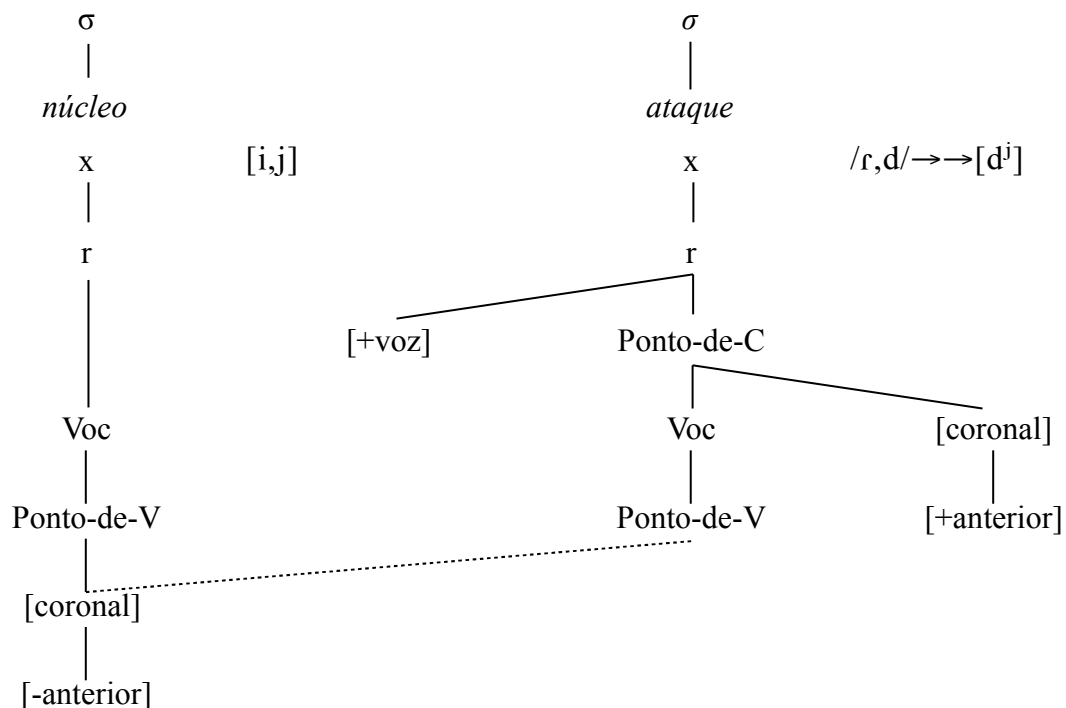


(1) Palatalização e (2) Coronalização em Paresi

$/r, d/ \rightarrow [d^j]$

[,θej.di.'ti]
 [ki.'d^ja.ne]
 [,te.ri.'ta]

‘cabeça’
 ‘pequeno’
 ‘ele bebe’



O Ponto-de-C, especificado para [anterior], trava a coronalização

Neste caso, ocorre apenas a palatalização. A coronalização é travada pois o alvo é especificado para [+anterior]. Essa é a única consoante do sistema com o traço [vozeado] especificado. As línguas arawak geralmente não distinguem seus segmentos por esse traço. Em muitos sistemas arawak, [vozeado] é distintivo apenas em um par de segmentos. Em Enawenê-nawê (REZENDE, 2003), os únicos segmentos com contraparte vozeada são as oclusivas alveolares /t, d/. Em Paresi, então, o segmento sub-especificado seria a contraparte vozeada de /t/ no sistema. Um argumento a favor da proximidade de /r,d/ é a variação livre em contexto átono final entre os dois fones nas falas dos mais velhos ([me.'he.re] ~ [me.'he.de] 'borboleta').

A base para nossa escolha pela representação subespecificada reside na própria natureza e na representação dos segmentos /r, l/. Halle & Clements (1983, p.83 *apud* HALL, 2007, p.319) definem [contínuo] da seguinte maneira: “Continuants are formed with a vocal tract configuration allowing the airstream to flow through the midsagittal region of the oral

tract”. Dessa maneira, conforme Hall (2007: 319), segmentos [+contínuo] incluem fricativas, róticas, vogais e glides, enquanto os [-contínuo] incluem oclusivas, nasais (por conta da região médio-sagital) e laterais aproximantes como /l/, o que seria justamente o contrário do encontrado nas estruturas arbóreas subespecificadas do Paresi, em que consideramos /r/ como [-contínuo] e /l/ como [+contínuo].

Nossa análise não é incongruente, pois, segundo Hall (2007, p.333): “...other controversial question is whether or not flaps like /r/ are plus or minus [continuant], i.e, the definition of [continuant] is problematic for languages in which laterals behave as [+continuant]”. Isso nos mostra que o valor do traço [contínuo] dependerá de seu comportamento no sistema. Em Paresi, temos uma proximidade entre /r, d/, o que nos faz acreditar que o tepe comporta-se como um segmento [-contínuo], tal qual /d/. /r,d/ se distingue de /l/, pois contém o traço [+vozeado] especificado, que não caracteriza /l/. No entanto, /l/ deve conter o traço [+contínuo], para se distinguir de /t/. Abaixo temos um quadro com os traços especificados dos três segmentos:

	[contínuo]	[coronal]	[anterior]	[vozeado]
/t/	-	+	+	
/r, d/	-	+	+	+
/l/	+	+	+	

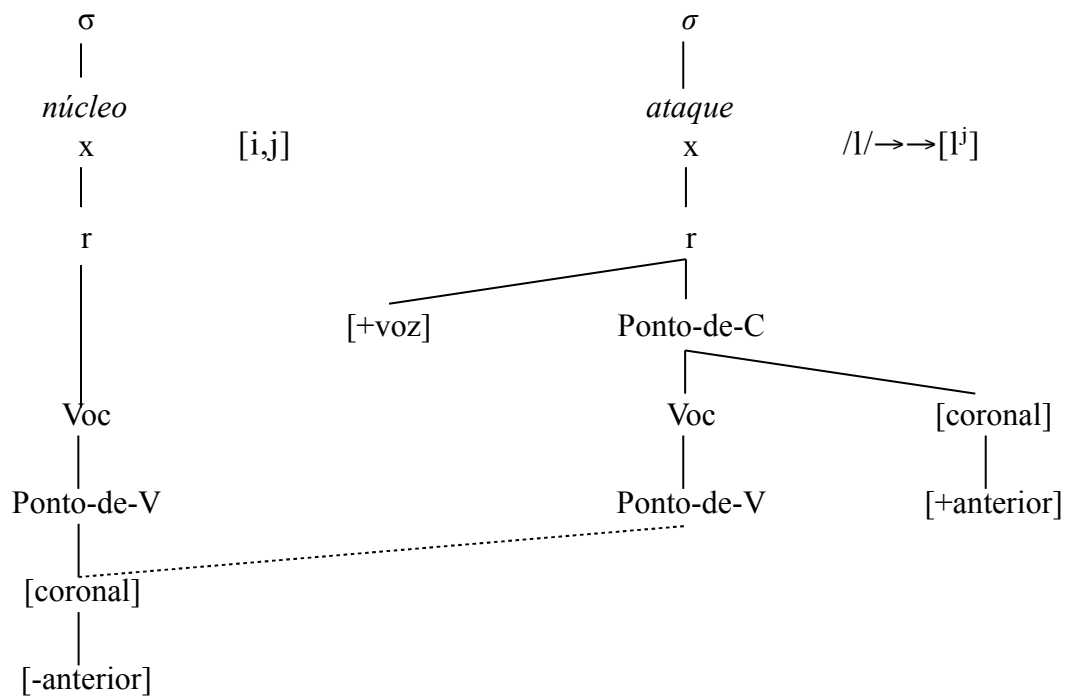
/l/ → [l^j]

[wi.l^jo.lo.'li]

'brinquedo'

[^ho.lɐ]

'borduna'



A coronalização não se aplica pelo fato de /l/ ser especificado para [anterior].

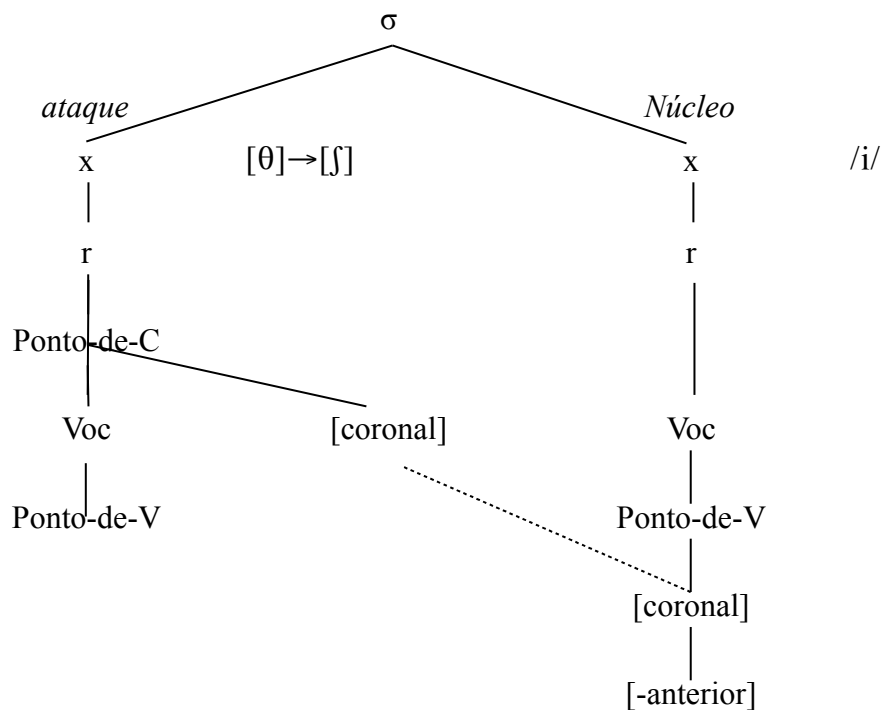
Nos dois processos abordados em seguida, por serem regressivos, ocorre apenas a coronalização intra-silábica:

/θ/ → [ʃ]

[ʃi,mʲaj.di.'ta] 'vocês têm medo'

[nu,ka.ja.'ʃi] 'eu estou sujo'

[θo.'i.mʲɐ] 'criança'



Coronalização ou promoção em Paresi. Ocorre intra-silabicamente.

/ts/ → [tʃ]

Na africada, note-se que os traços se espraiam somente para a raiz não especificada

para anterior:

[₁tʃi.k^je.¹re]

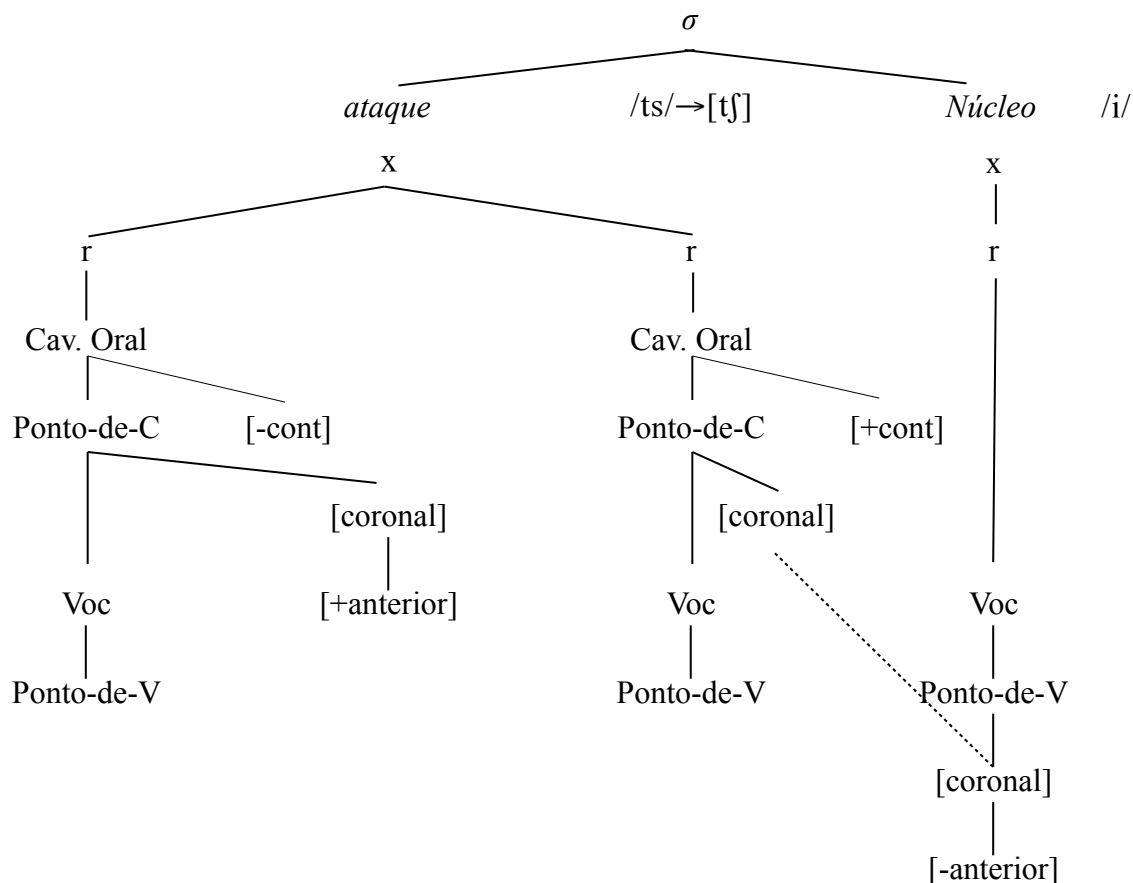
‘amarelo’

[e.₁to.li.tʃi.uj.¹ta]

‘ele está deitado’

[ke.¹tse]

‘liso’



Coronalização ou promoção em Paresi. Ocorre intra-silabicamente

Nos processos morfofonológicos /θ/ → *θ^j → [j] e /t^j/ → *t^{jj} → [ts], os segmentos-alvo são [θ] e [t^j], respectivamente. Nesses processos, o *output* deve ser um elemento do sistema:

/θ/ → *θ^j → [j]

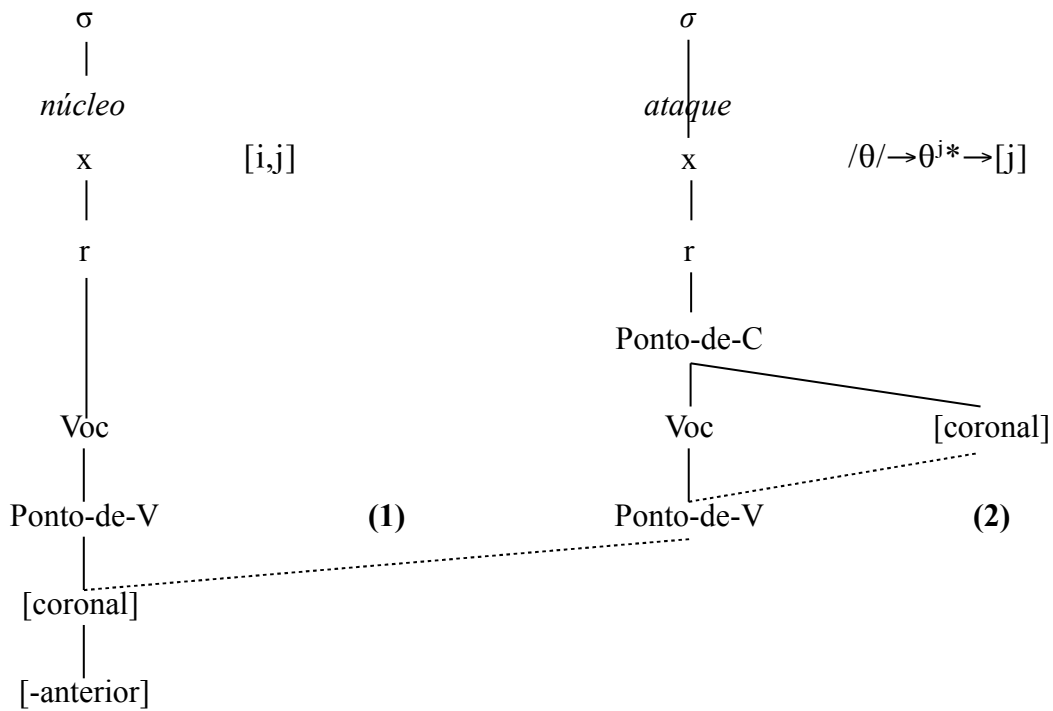
[θo.te.'re] 'vermelho'
 [hi.-jo.te.'re] 'você está vermelho'
 2 - vermelho

[ø-'θa.ne] 'ele vai'
 3 - ir
 [hi.-'ja.ne] 'você vai'
 2 - ir

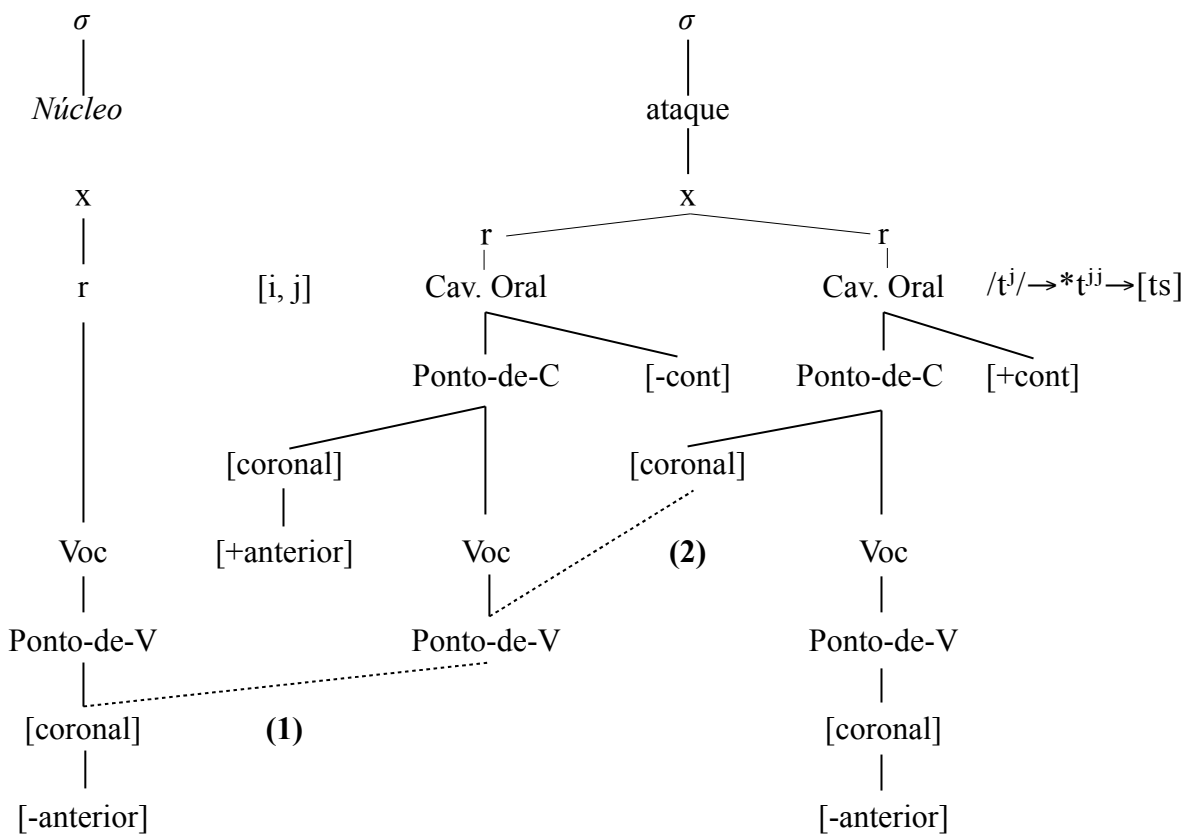
/t^j/ → *t^{jj} → [ts]

[na.-'t^jo] 'eu'
 1-TOP
 [nu.-'t^{jj}u.-kə] 'eu sento'
 1-sentar-VBLZ

[hi.-'tso] 'você'
 2-FOC
 [hi.-'tsu.-kə] 'você senta'
 2-sentar-VBLZ



(1) Patalização e (2) Coronalização em Paresi



(1) Palatalização e (2) Coronalização. (2) se espria para Ponto-de-C [*uanterior*].

4 Conclusão

Em Paresi, os traços [coronal, -anterior] em Ponto-de-V de [i, j] sempre se espriam para Ponto-de-V vazio de outra sílaba ou, quando na mesma sílaba, para Ponto-de-C não especificado para [anterior]. Trata-se de dois processos: palatalização, em que Ponto-de-V se espria para Ponto-de-V, e coronalização, em que Ponto-de-V se espria para Ponto-de-C. O domínio da sílaba determina qual dos dois processos ocorre: palatalização somente inter-silabicamente e coronalização somente intra-silabicamente. A coronalização não se aplica a Ponto-de-C já especificado para [anterior].

Já demonstramos como os segmentos /b, ɸ, k, m, h, n, θ, ts, t^j, (r,d), w, l/ interagem com esses processos. Falta-nos dar uma explicação para /t/.

O segmento /t/ tem todas as condições para ser palatalizado. Sabemos que /t^j/ é um elemento do sistema e que ocorre após outras vogais, além de contrastar em pares mínimos. No entanto, na grande maioria dos dados [t^j] ocorre após [i], o que nos dá bons subsídios para dizermos que [t^j], após [i,j], seja a realização palatalizada do fonema /t/. Isso tornaria a nossa generalização mais robusta, já que se aplicaria a todos os segmentos consonantais da língua. Somente a palatalização ocorreria e não a coronalização, já que Ponto-de-C de /t/ é marcado para [coronal, +anterior]. Sabe-se que a marcação é um correlato para a resistência à modificação (Hume & Tserdanelis, 2002).

Os únicos dados em que a regra não se aplica são aqueles onde está presente o sufixo de aspecto continuativo *-ita* e a palavra para arco, [hi.'to]. Vale observar que, em ambos os casos, a sílaba em que reside a consoante alvo é acentuada. Quanto ao sufixo *-ita*, a sua concatenação à raiz muda a posição do acento sistematicamente: ['to.nɛ] 'ele anda' [to.ni.'ta] 'ele está andando'. Essa exceção poderia ser explicada se considerarmos a acentuação ou níveis prosódicos mais altos, domínios de análise ainda não suficientemente explorados.

5 Referências Bibliográficas

- AIKHENVALD, A. Y. (1999). “The Arawak Language Family”. In: DIXON, R.M.W. AIKHENVALD, A. Y. (Eds.) (1999) *The Amazonian Languages*. Cambridge University Press. Cap. 3. p. 65-103;
- AIKHENVALD, A.Y. (2003). *A Grammar of Tariana*.
- CANOVA, L. (2003). *Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757)*. (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, UFMT;
- CHOMSKY & HALLE. (1963). *The Sound Pattern of English*. Harper & Row Publishers.
- CLEMENTS, G. N. & HUME, E. (1995) “The Internal Organization of Speech Sounds”. In: GOLDSMITH, J. (Ed.) (1995) *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell Publishers. Cap. 7, p. 245-306;
- COSTA, R.M. (1985) *Cultura e Contato: um Estudo da Sociedade Paresi no Contexto das Relações Interétnicas*. (Mestrado) PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.
- DRUDE, S. (1995) *Observações para Servir para uma Ortografia do Waimare* (inédito);
- FACUNDES, S. (2000) *The Language of the Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak)*. PhD em Lingüística. New York. Buffalo University;
- FRANCHETTO, B. (1995) “Processos Fonológicos em Kuikuro: uma Visão Auto-Segmental”. In: *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. WETZELS, L. (Org.) (1995). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. p. 53-84;
- HALL, T. A. (2007) Segmental features. In: *The cambridge handbook of phonology*. DE LACY (org.). Cambridge: Oxford University Press.
- HUME, E. & TSERDANELIS, G. *Labial Unmarkedness in Sri Lankan Portuguese Creole*. In: LingBuzz <http://ling.auf.net/lingBuzz/545-0902>;
- ISA. *Amazônia brasileira 2007: programa áreas protegidas da Amazônia/ MMA*. ISA. 2007.
- OLIVEIRA (1993). *Uma descrição do Baré (Arawak)-UFSC*.
- PIKE, Kenneth. (1947). *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. SIL
- RAMIREZ, H.. (2001) *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. EDUA, Manaus.
- REZENDE, U. (2003) *Fonética e fonologia da língua Enawene-nawe: uma abordagem preliminar*. Mestrado em Lingüística. UFRJ.
- SILVA, Glauber Romling da. (2007). *Língua Paresi-Haliti (Arawak): primeiros resultados ABRALIN 2007 – UFMG - Belo Horizonte* ;
- _____, Glauber Romling da. (2006) *Fonologia da Língua Paresi-Haliti (Arawak) : um problema de representação fonológica* Apresentação- XXVIII Jornada de Iniciação Científica da UFRJ. Rio de Janeiro;
- _____, Glauber Romling da. (2005). *Fonologia Preliminar da Língua Pareci (Aruak)* Apresentação -XXVII Jornada de Iniciação Científica da UFRJ – Rio de Janeiro.
- ROWAN, O. (1961). *Phonemic Statement of Paresi*, SIL;
- ROWAN, O. (1979). *Parecis Grammar*, SIL;
- SAGEY, E. (1986). *The representation of features and relations in nonlinear phonology*. PhD, MIT.
- SANTOS, M. (2006). *Uma gramática do wapixana (Aruák) – aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe*. Tese de doutorado em Lingüística. UNICAMP.
- SANTOS-GRANERO. *The Arawakan Languages Histories*.
- SOUZA, I. (2008). *Koenukoe emo'u: a língua dos índios kinikinau*. Tese de doutorado em Lingüística. UNICAMP.

ⁱ Agradeço à Professora Yonne Leite pelos preciosos comentários que permitiram a finalização deste artigo. Quaisquer erros ou omissões são de minha inteira responsabilidade.

ⁱⁱ Agradeço ao povo paresi-haliti das comunidades do Hohako (Formoso) e Korehete (JM) pela hospitalidade com que me receberam em minhas viagens de campo, em especial a Antonio Zonizare, Justino Zomozokae, Geovani Kezokenaece, Angelina Naizokaero, Genivaldo Zezokaece, Adavilson Zonizokie, Dona Agostinha, Manezinho, “abebe” Kezokero, João Titi Akonozokae e Maria Mulata Zoloizakaero além de todos os outros que contribuíram para o aprendizado de sua língua.

ⁱⁱⁱ As abreviações utilizados neste artigo são: CL 'classificador', FOC 'foco', 1 'primeira pessoa do singular', 2 'segunda pessoa do singular', VBLZ 'verbalizador', POSS 'possuído', N.POSS 'não possuído'.

^{iv} Mais adiante justificaremos a escolha de uma consoante subespecificada /r, d/.

^v Agradeço Elsa Gomez-Imbert por salientar a importância do domínio da sílaba para a análise dos processos fonológicos em Paresi.